



## Sobre a tradução de *Africanidade: uma ontologia combativa*

Paulo Ricardo Müller

Universidade Federal da Fronteira Sul

Archibald Monwabisi “Archie” Mafeje (1937-2007) é um nome plenamente reconhecido por todas e todos que se dedicam à África. Formado em Antropologia pela University of Cape Town (UCT) nos anos 1950 sob a orientação de Monica Wilson, vivenciou um ambiente fortemente influenciado pelo cânone da Antropologia britânica, sobretudo por Radcliffe-Brown, que também havia sido professor do departamento de Antropologia da UCT algumas décadas antes. Obteve o PhD em Cambridge sob orientação de Audrey Richards, outra figura icônica da escola britânica. No Brasil ainda são poucas as referências a Mafeje em discussões detidas sobre suas ideias. Dentre as mais recentes estão um artigo coletivo de Antonádia Borges *et al.*<sup>679</sup> sobre a querela epistemológica de Mafeje com o cânone antropológico ocidental em torno do estatuto epistemológico da alteridade; a tese de Michele Cirne Ilges<sup>680</sup> sobre a produção de conhecimento pelo CODESRIA (Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais na África), do qual Mafeje foi dirigente, que lhe dedica um capítulo; e a apresentação de Melvina Araújo e Paulo Müller<sup>681</sup> a um dossiê em torno dos conceitos de africanidade, pós-colonialidade, coetaneidade e diáspora. Em todos esses trabalhos, o artigo aqui traduzido é central.

Entre as referências mais abrangentes sobre sua vida e obra, que podem ficar como recomendações de leitura a título de introdução ao pensamento e posicionamento de Mafeje, estão os artigos de Adesina<sup>682</sup> e de Ntsebeza<sup>683</sup>, e a tese de Nyoka<sup>684</sup>. O primeiro – que também é uma

<sup>679</sup> BORGES, Antonádia *et al.* Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. *Sociedade e Estado*, vol. 30, n. 2, 2015 (347-369).

<sup>680</sup> ILGES, Michele C. *A produção de Ciências Sociais no continente africano e a agência do CODESRIA*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

<sup>681</sup> ARAUJO, Melvina A. M.; MÜLLER, Paulo R. Apresentação do dossiê – Coetaneidade, pós-colonialidade, diáspora(s) e africanidade(s): caminhos dos Estudos Africanos no Brasil. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, vol. 25, n. 1, 2020 (10-22).

<sup>682</sup> ADESINA, Jimi O. Archie Mafeje and the pursuit of endogeny: against alterity and extroversion. *Africa Development*, vol. XXXIII, n. 4, 2008 (133–152).

<sup>683</sup> NTSEBEZA, Lungisile. The Mafeje and the UCT saga: unfinished business? *Social Dynamics*, vol. 40, n. 2, pp. 274-288, 2014.

<sup>684</sup> NYOKA, Bongani. *Archie Mafeje: an intellectual biography*. Tese (Doutorado em Sociologia). University of South

homenagem *in memoriam* publicada um ano após sua morte – aborda as restrições de Mafeje ao conceito de alteridade na Antropologia e nos Estudos Africanos, e sua busca por uma epistemologia centrada nas experiências ontológicas africanas. O segundo trata das repercussões do “caso Mafeje” na University of Cape Town (UCT), como ficou conhecida sua demissão do cargo de *senior lecturer* em Antropologia Social por pressão do governo do *apartheid*, poucos meses após sua admissão em 1968. A terceira apresenta uma biografia intelectual de Mafeje, argumentando que suas críticas à antropologia traduzem uma crítica mais abrangente ao modelo universalizado de academia burguesa liberal, e não apenas um ponto de vista epistemológico situado em um campo disciplinar específico.

O texto *Africanidade: uma ontologia combativa* deve ser lido como uma *intervenção*. Para Mafeje, todas as vertentes de pensamento social dedicadas à África até o momento em que foi publicado pela primeira vez, em 2000, apontavam para uma concepção de africanidade como construção simbólica destinada a preencher lacunas em narrativas de imersão de “outros” no continente africano – sobretudo do que Mafeje define como os Estudos Africanos “*made in USA*”, referindo-se a programas e grupos de Estudos Africanos de países ricos constituídos a partir de agendas geopolíticas para a África como uma “área cultural” – e em auto-representações de intelectuais negros africanos e afrodiaspóricos, sobretudo dos que atuam no norte global, defensores do Panafricanismo e do Afrocentrismo. As críticas de Mafeje neste texto impuseram um ponto de inflexão a este processo de extroversão da história da África<sup>685</sup>.

O uso da expressão “made in USA” entre aspas no texto original motivou sua reprodução tal e qual, pois expressa mais do que uma identificação topográfica expandida, denotando uma forte crítica ao projeto imperialista embutido nos estudos de áreas geopolíticas nos Estados Unidos. Uma de suas maiores objeções em relação às construções de África por intelectuais panafricanistas e afrocentristas é sua inserção em uma tradição de pensamento que em inglês se define como *vindicationist*, que optei por traduzir como “reivindicacionista”. Em inglês, *vindication* significa “prova de que algo é verdadeiro ou de que você estava certo, especialmente quando outras pessoas tinham uma opinião diferente” (conforme o *Oxford Learner’s Dictionary* online). Mafeje qualifica como *vindicationist* tradições intelectuais fundadas em conceitos afirmativos de valores e características positivas supostamente intrínsecas aos africanos, tais como *négritude* e *ubuntu*. Ou seja, são conceitos que *reivindicam* o reconhecimento de algo que lhes era negado pelo colonialismo, provando, assim, que algo era verdadeiro quando outros diziam ser falso. Para Mafeje, é necessário ir além do essencialismo da reivindicação de autenticidade para ocupar

---

Africa, Pretoria, 2017.

<sup>685</sup> BAYART, Jean-François. Africa in the world: a history of extraversion. *African Affairs*, vol. 99, n. 395, 2000 (217-267).

espaços na academia ocidental e buscar construir instituições com formatos novos e compatíveis com sua concepção de Africanidade.

## Referências

ADESINA, Jimi O. Archie Mafeje and the pursuit of endogeny: against alterity and extroversion. *Africa Development*, vol. XXXIII, n. 4, 2008 (133–152).

ARAÚJO, Melvina A. M.; MÜLLER, Paulo R. Apresentação do dossiê – Coetaneidade, pós-colonialidade, diáspora(s) e africanidade(s): caminhos dos Estudos Africanos no Brasil. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, vol. 25, n. 1, 2020 (10-22).

BAYART, Jean-François. Africa in the world: a history of extraversion. *African Affairs*, vol. 99, n. 395, 2000 (217-267).

BORGES, Antonádia *et al.* Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. *Sociedade e Estado*, vol. 30, n. 2, 2015 (347-369).

ILGES, Michele C. *A produção de Ciências Sociais no continente africano e a agência do CODESRIA*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NTSEBEZA, Lungisile. The Mafeje and the UCT saga: unfinished business? *Social Dynamics*, vol. 40, n. 2, pp. 274-288, 2014.

NYOKA, Bongani. *Archie Mafeje: an intellectual biography*. Tese (Doutorado em Sociologia). University of South Africa, Pretoria, 2017.